

DECIDIX

MATERIAL DE APOIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência –
NEPVIAS – UFPE

DECIDIX
Material de Apoio

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência – NEPVIAS – UFPE

E-mail de contato: danielatgontijo@gmail.com

Projeto Desenvolvimento e avaliação de jogos educativos em mídia digital direcionados para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes

Realização:

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência – NEPVIAS – UFPE

Apoio:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente - UFPE
Curso de Terapia Ocupacional - UFPE
Informática no Desenvolvimento na Educação e da Saúde (IDEAS)
Cátedra Paulo Freire - UFPE

Coordenação:

Daniela Tavares Gontijo

Pesquisadores:

Daniela Tavares Gontijo
Rosana Juliet Silva Monteiro
Marcela Paula Conceição de Andrade Oliveira
Luciane Soares de Lima
Rosalie Barreto Belian
Estela Maria Leite Meirelles Monteiro
Marcelo Medeiros
Vera Lucia Dutra Facundes

Responsáveis pela elaboração deste material:

Daniela Tavares Gontijo
Rosana Juliet Silva Monteiro
Marcela Paula Conceição de Andrade Oliveira
Raissa de Oliveira Negrão
Luciane Soares de Lima
Maria Eliete Santiago

Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Mônica Uchôa, CRB4-1010

D294 Decidix: material de apoio / Coordenado por Daniela Tavares Gontijo... [et al.].
– Recife: UFPE/NEPVIAS, 2017.
49 p.: il.

Projeto Desenvolvimento e avaliação de jogos educativos em mídia digital direcionados para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência.

Inclui referências e anexos.

1. Saúde sexual. 2. Saúde das crianças. 3. Saúde dos adolescentes.

I. Monteiro, Rosana Juliet Silva. II. Oliveira, Marcela Paula Conceição de Andrade. III. Negrão, Raissa de Oliveira. IV. Lima, Luciane Soares de. V. Santiago, Maria Eliete. VI. Título.

618.92

CDD (23.ed.)

UFPE (CCS2017-001)

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO - PRIMEIRAS PALAVRAS.....	4
2	Relações afetivos sexuais e gravidez na adolescência numa perspectiva de gênero: pontos de discussão importantes para a educação em saúde.....	6
3	O DECIDIX.....	12
3.1	Objetivos.....	12
4	Descrição.....	13
5	Pressupostos pedagógicos do DECIDIX.....	15
5.1	Brincar aprendendo, aprender brincando: a natureza lúdica do DECIDIX.....	15
5.2	Ensinar-aprendendo, aprender-ensinando: princípios da pedagogia de Paulo Freire.....	18
5.3	<i>Diálogo</i>	24
5.4	<i>Amorosidade e ética</i>	27
5.5	<i>Autonomia</i>	29
6	Compartilhando nossa experiência na condução do decidix.....	33
7	Considerações Finais (ou iniciais?).....	38
	Referências.....	39
	Anexo A - Mapa do Jogo.....	42
	Anexo B - Exemplos de problematizações durante a realização do DECIDIX.....	45
	Anexo C - Dicas de “segurança”.....	47
	Anexo D - Links Úteis.....	48

1. APRESENTAÇÃO

PRIMEIRAS PALAVRAS

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2011a, p. 139)

É com imensa alegria que apresentamos o DECIDIX, um jogo desenvolvido para ser um instrumento educativo em ações com adolescentes que objetivem a promoção da saúde sexual e reprodutiva junto com este público.

O DECIDIX foi elaborado a partir de experiências do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência (NEPVIAS – UFPE) com adolescentes, principalmente no contexto do ensino fundamental. Nessas vivências, adotamos o referencial teórico e metodológico da Pedagogia Paulo Freire e observamos o potencial da utilização de recursos lúdicos em intervenções pautadas por esta perspectiva participativa e crítica. Além disso, o DECIDIX nasce da constatação da importância dos profissionais de saúde e educação se apropriarem das tecnologias da informação para se aproximarem do universo da juventude.

Compreendemos que a saúde sexual e reprodutiva na adolescência caracteriza-se como um campo complexo, demarcado por diversas questões sociais, culturais, econômicas, subjetivas, entre outras. Assim, esperamos que o DECIDIX se configure como uma das possibilidades de abordagem sobre uma faceta deste tema, que oportunize, tanto às/aos adolescentes quanto as e os profissionais que com elas/eles convivem, experiências ricas de reflexão, diálogo e construção compartilhada de conhecimento.

Com a finalidade de auxiliar na utilização do DECIDIX foi elaborado este material de apoio que aborda além da operacionalização do jogo, conteúdos que subsidiam a sua utilização. A sua leitura, e principalmente, a reflexão crítica do conteúdo aqui abordado é vital para que a tecnologia educativa seja realizada a partir dos pressupostos que a subsidiam.

Nesta direção, inicialmente abordamos aspectos das relações afetivo sexuais e gravidez na adolescência, discutida numa perspectiva de gênero. Em seguida, descrevemos o DECIDIX no que se refere aos seus objetivos, pressupostos pedagógicos e procedimentos de condução. Por

último, compartilhamos as experiências vivenciadas pela equipe do NEPVIAS na utilização do jogo.

No entanto, enfatiza-se que o objetivo deste material de apoio não é “prescrever” condutas que devem ser adotadas pelo(a) educador(a) durante a utilização do DECIDIX, e sim subsidiar o(a) mesmo(a) a partir do compartilhamento das experiências já vivenciadas pela equipe na atuação com adolescentes no campo da promoção da saúde sexual e reprodutiva. Assim, busca-se trazer, ao longo deste material, algumas dicas de condução, problematizações e estratégias cuja pertinência ao momento deve ser avaliada pelo(a) educador(a).

Agradecemos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que este projeto se concretizasse, especialmente ao CNPq e às estudantes, professoras e pesquisadoras, dos cursos de Terapia Ocupacional, do Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente e da Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco que acreditaram nesta proposta desde o início. As e aos adolescentes e profissionais de saúde e educação que participaram das pesquisas de validação nossa sincera gratidão por construir conosco o DECIDIX.

“(…) mulheres e homens, somos os únicos seres que social e historicamente nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 2011a, p. 68)

2. RELAÇÕES AFETIVOS SEXUAIS E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO: SUBSÍDIOS PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

De acordo com a Organização Mundial de Saúde a adolescência corresponde à fase entre 10 e 19 anos (BRASIL, 2011a). Essa etapa da vida caracteriza-se como um período típico do desenvolvimento entre a infância e a fase adulta, marcado por mudanças biopsicossociais (BRASIL, 2007).

A adolescência é marcada, na maioria das vezes, pela busca de autonomia e estabelecimento de um projeto de vida próprio, através do qual o (a) adolescente busca definir-se em meio ao que faz, aos seus desejos perante a vida e ao futuro, aos seus anseios e às suas relações afetivas, sociais e sexuais (BECHARA et al., 2013).

A sexualidade, caracterizada como um aspecto importante não apenas na adolescência mas em todas as fases da vida das pessoas, abrange ações e desejos ligados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde. Assim sendo, sua prática vai além das funções reprodutivas, não se restringindo apenas ao ato sexual (BRASIL, 2007; MARTINS et al., 2012).

No Brasil, o Ministério da Saúde, consoante às diretrizes da Organização Mundial de Saúde define a saúde sexual como

[...] a habilidade de mulheres e homens para desfrutar e expressar sua sexualidade, sem risco de doenças sexualmente transmissíveis, gestações não desejadas, coerção, violência e discriminação. A saúde sexual possibilita experimentar uma vida sexual informada, agradável e segura, baseada na auto-estima, que implica numa abordagem positiva da sexualidade humana e no respeito mútuo nas relações sexuais (BRASIL, 2007, p. 37).

Nesta perspectiva, a saúde sexual não se limita a aconselhar e prestar assistência em situações ligadas diretamente à reprodução e/ou a contaminações por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) uma vez que objetiva também promover uma melhor qualidade de vida e das relações pessoais (BRASIL, 2007).

No se refere à vivência da sexualidade, percebe-se que ao longo da vida, assim como em todo o processo do adolecer, esta é caracterizada como uma construção sócio-histórica influenciada por diferentes fatores como classe econômica, etnia e gênero. Assim sendo, a descoberta e as experiências dos e das adolescentes no campo da sexualidade se dão em meio a questões não somente individuais (como as alterações no corpo, os desejos e fantasias por exemplo) mas também nas intersecções entre as possibilidades e limitações que fatores familiares, históricos, culturais, econômicos, religiosos, sociais, entre outros, geram no seu cotidiano.



JÁ PAROU PARA PENSAR?



- ➔ *Como eram os namoros “oficiais” 100 anos atrás e hoje?*
- ➔ *O estabelecimento das relações de afetividade e sexualidade se dá da mesma maneira em praticantes de diferentes religiões?*
- ➔ *Dois irmãos educados com os mesmos valores culturais necessariamente têm os mesmos comportamentos no estabelecimento das relações afetivas?*

Entre estes diversos fatores, as relações de gênero ganham destaque quando se aborda a vivência da sexualidade. Segundo Scott (1995, p. 86) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Entende-se gênero pelo processo no qual as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais e assumem significados culturais (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, a vivência social das relações de gênero (construídas historicamente, valorizadas e, transformadas na vida cotidiana) atribui às pessoas tarefas, papéis, identidades, comportamentos e atitudes de acordo com o que as pessoas geralmente entendem por ser um homem e por ser uma mulher (BRASIL, 2010).

No contexto brasileiro, apesar de existirem diferentes formas de ser mulher ou homem, ainda permanecem no ideário social “padrões” considerados hegemônicos, ou seja, que são mais valorizados socialmente. Assim, tradicionalmente, é delegado aos homens uma maior liberdade na vivência das experiências sexuais quando comparados às mulheres (BRASIL, 2007; BRASIL, 2010; GONTIJO; MEDEIROS, 2010; MALTA et al., 2011; MONTEIRO et al., 2015).

Além disso, durante muito tempo, as construções sociais de gênero hegemônicas trouxeram e trazem à tona a concepção do gênero feminino associado à fragilidade e dependência, cabendo a mulher o cuidado com a família. Já os homens, de acordo com essa concepção hegemônica, são entendidos a partir de atributos de superioridade e poder, sendo esperado socialmente que ratifiquem sua heterossexualidade compulsiva e sua virilidade através de demonstrações de força física, coragem e suprimento moral e financeiro do lar (BRASIL, 2011a; BRASIL, 2011b; MONTEIRO et al., 2015, VASCONCELOS et al, 2016).



JÁ PAROU PARA PENSAR?



- ➔ *Como muitas vezes a valorização desse padrão do homem como provedor moral da família influencia a possibilidade de muitas mulheres de saírem de situações de violência cometidas por seus parceiros?*
- ➔ *Como é para o homem demonstrar publicamente fragilidade e sensibilidade, sem que isso leve ao questionamento sobre a sua orientação sexual?*
- ➔ *Como as situações nas quais a mulher é a provedora financeira da família e o homem responsável pelo cuidado doméstico causam diferentes reações sociais?*

Esses “padrões” muitas vezes norteiam não somente condutas, mas também se tornam parâmetros de julgamento em relação ao que seria considerado certo ou errado no estabelecimento das relações afetivas e sexuais para os e as adolescentes e aqueles(as) que com estes(as) convivem (BRASIL, 2007; CAMARGO; FERRARI, 2009; MARTINS et al, 2012; MACEDO et al, 2013, MONTEIRO et al, 2015).

A valorização destes “padrões hegemônicos” de gênero, de forma acrítica, como se fossem algo natural e não construção social, na estruturação das relações afetivas sexuais pode limitar as vivências dos e das adolescentes aumentando a sua vulnerabilidade em relação à saúde e bem estar. Como exemplo deste processo de vulnerabilização apontam-se as seguintes situações (entre muitas outras):

- ➔ A adolescente virgem que não exige que o namorado use a camisinha na primeira vez por



ter medo dele a considerar experiente sexualmente;

- O jovem que se expõe a infecção por DST para não recusar um convite sexual de uma mulher e colocar sua virilidade em questionamento, mesmo não tendo preservativo no momento;
- A jovem que não conhece o próprio corpo pois “tocar o próprio corpo” é “coisa” para homens;
- O adolescente que não cuida da sua saúde porque cuidar de si é “coisa de mulher”.

Geralmente, é na adolescência que os e as jovens vivenciam a primeira experiência sexual. Pesquisa realizada em âmbito nacional em 2015 com 102.072 adolescentes, apontou que 27,5% destes já haviam tido pelo menos uma relação sexual na vida (IBGE, 2015). Entre estes, somente 61,2% e 66,2% afirmaram ter usado preservativo na primeira e na última relação sexual respectivamente. É importante destacar que estudos apontam que quanto mais cedo ocorre a primeira relação, maiores são os riscos de agravos à saúde em decorrência de práticas sexuais inseguras (TRONCO; DELL’AGLIO, 2012; GONÇALVES et al, 2015).

A não utilização de métodos preventivos se reflete nos índices de contaminação por ISTs e AIDS. De acordo com o Boletim Epidemiológico sobre HIV – Aids no Brasil, no período de 2007 a 2016, 5,6% das notificações de HIV são na faixa etária de 15 a 19 anos (BRASIL, 2016). Além disso, considerando-se a possibilidade de subnotificação da contaminação pelo HIV, o período de evolução da doença e que cerca de 52% dos casos de notificação de AIDS se concentram na faixa etária de 20 e 34 anos, reflete-se a importância de ações educativas preventivas direcionadas para os e as adolescentes.

Além da possibilidade de contaminação por doenças, a vivência da sexualidade de forma insegura pode acarretar em gravidez não planejada.

A vivência da gravidez na adolescência não pode ser compreendida como um fenômeno único, e sim de forma contextualizada a aspectos individuais que interagem com condições concretas e históricas de vida. Numa perspectiva de gênero ser pai-adolescente e ser mãe-adolescente trazem significações e consequências específicas e singulares para cada um (LUZ; BERNI, 2010).



JÁ PAROU PARA PENSAR?



- Será que a gravidez aos 15 anos tem o mesmo significado para uma menina inserida em uma escola particular que se prepara para fazer o curso universitário dos seus sonhos e para uma garota que desde os 10 não vai a escola regularmente para poder cuidar dos irmãos menores enquanto a mãe trabalha?

Neste sentido, a literatura aponta que para a mulher adolescente a gravidez pode estar associada à evasão escolar (que pode acontecer antes ou depois da gestação), inserção precoce no mundo do trabalho, dificuldades nas relações com a família de origem, e na assunção do papel materno, entre outros aspectos. Por outro lado, estudos apontam também que a gravidez, principalmente para as adolescentes que vivenciam situações de vulnerabilidade social, pode se configurar como um desejo, como “projeto de vida” que permitirá a adolescente o reconhecimento social, o suprimento de carência afetiva e a afirmação de sua identidade como mulher (GONTIJO; MEDEIROS, 2008; DIAS; TEIXEIRA, 2010; ALMEIDA; SOUZA, 2011; SILVA et al, 2011; CAMPOS, 2013; FIEDLER et al, 2015).

Por outro lado, para os homens adolescentes que se tornam pais, estudos apontam como consequências negativas a dificuldade de assunção do papel paterno, diminuição das atividades de lazer, a evasão escolar e inserção no mundo do trabalho precocemente como formas de garantir o papel de provedor material do filho. No entanto, a paternidade nesta época da vida também pode ser significada como oportunidade de amadurecimento, de ser tornar mais responsável e de estabelecimento de laços afetivos e de cuidados com o filho (VEIGA et al, 2014; VASCONCELOS et al, 2016).

A variação e a complexidade da vivência da maternidade e paternidade na adolescência, conforme apresentado de forma sintetizada, traz a necessidade do desenvolvimento de ações educativas que não se limitem a apresentar aos e as adolescentes os métodos para prevenir a gravidez.

Assim, a proposta do DECIDIX é oportunizar ao e a educador(a) construir uma ação educativa com os e as adolescentes que busque discutir a gravidez enquanto uma possibilidade decorrente das relações afetivas e/ou sexuais. Refletir que a ocorrência da gravidez se relaciona não somente a questões individuais mas também é influenciada pelas possibilidades e impossibilidades trazidas pelo contexto cultural, econômico e social no qual acontece. Influências essas muitas vezes não percebidas como construções sociais e como tais passíveis de serem modificadas.

Neste sentido, a utilização do DECIDIX, não parte da “defesa” ou “condenação” da vivência da gravidez neste período da vida. Considera-se que as ações educativas devem contribuir para que a ocorrência ou não da gravidez seja percebida como uma escolha e não como algo que acontece pelo acaso ou até mesmo como destino dado socialmente. Para isto, inicialmente é importante que os e as adolescentes reflitam criticamente sobre o “processo” que pode levar a uma gravidez, incluindo diversos fatores que o influenciam, bem como as consequências que podem decorrer desta experiência.

Além disso, estas ações podem se configurar como cenários nos quais os e as adolescentes tenham a oportunidade de identificar e se aproximar de possíveis redes sociais de suporte que lhes sejam fonte de apoio para a vivência destas experiências. Especificamente no que se refere aos profissionais, de educação e saúde, a utilização do DECIDIX pode se configurar como uma estratégia de aproximação com o público em questão de forma mais lúdica, o que pode contribuir para a criação e/ou fortalecimento das relações destes com os serviços que podem se caracterizar como fonte de suporte.

Neste processo, reflexivo em sua essência, busca-se a promoção do diálogo para a construção da autonomia e emancipação dos e das adolescentes, valorizando seu modo de entender a vida e seus saberes. Nesta perspectiva, a educação em saúde pode ser um instrumento que permita e estimule a maior participação dos mesmos(as) nas decisões sobre suas vidas com mais crítica e responsabilidade, sendo catalizadora de mudanças nas condições reais de vida dos(as) adolescentes (COSSA; JARDIM, 2011; CAVALCANTE et al., 2012; GONTIJO et al, 2014).

3. O DECIDIX

3.1 OBJETIVOS

 DECIDIX objetiva promover a reflexão sobre o estabelecimento e vivência de relações afetivas e sexuais na adolescência. De forma mais específica, busca mediar o diálogo entre os e as adolescentes e destes e destas com o (a) educador (a) sobre alguns dos aspectos que podem contribuir para a ocorrência de uma gravidez não desejada e seus possíveis impactos, em uma perspectiva relacional de gênero.

Nesta direção, espera-se que a/o profissional que irá utilizar o jogo construa com os e as adolescentes a oportunidade de refletir criticamente sobre:

- a) As semelhanças e diferenças da situação proposta no jogo com vivências próprias ou de amigos(as) em relação ao estabelecimento das relações afetivas-sexuais;
- b) A interferência dos fatores na adoção de atitudes saudáveis/protetivas ou vulnerabilizantes neste âmbito;
- c) Os fatores que interferem na adoção das atitudes neste cenário que podem sofrer influências das relações de gênero socialmente construídas;
- d) A ocorrência da gravidez enquanto uma escolha e não como algo que acontece independente da vontade das pessoas envolvidas;
- e) Os potenciais impactos da ocorrência da maternidade/paternidade na trajetória de vida das e dos adolescentes;
- f) As possíveis redes de suporte social que possam ser acionadas a fim de promover vivências saudáveis no campo da saúde sexual;
- g) Possíveis estratégias promotoras de autonomia frente à saúde sexual e reprodutiva.

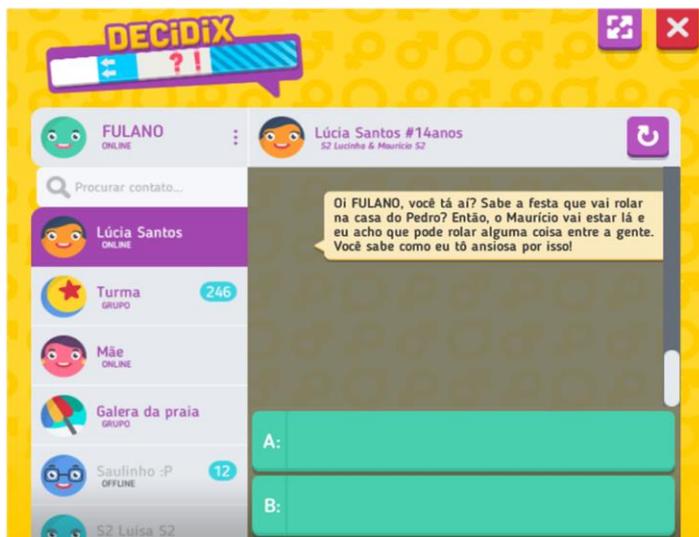
4. DESCRIÇÃO

O DECIDIX caracteriza-se como um jogo que tem como *público alvo* educadores(as) e grupos de adolescentes em contextos de ações de promoção de saúde sexual e reprodutiva. O jogo foi desenvolvido para ser utilizado com adolescentes na segunda etapa do ensino fundamental e ensino médio (12 a 17 anos), sendo que a sua pertinência para utilização em outras faixas etárias não foi alvo de estudo pela equipe responsável pela proposta.

O DECIDIX e este material de apoio, já foram validados como uma tecnologia educativa por duas pesquisas vinculadas ao NEPVIAS e ao programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal de Pernambuco (MONTEIRO, 2017; OLIVEIRA, 2017).

O DECIDIX se estrutura em um cenário que simula uma conversa em um aplicativo eletrônico de conversa instantânea no qual a personagem adolescente, Lúcia, inicia um bate papo com um de seus contatos próximos sobre uma situação afetiva/sexual que está vivenciando com outro adolescente, Maurício.

Figura 1 – Cenário do DECIDIX



A situação que se estende temporalmente, sempre culmina em uma gravidez não planejada pelo casal de adolescentes ou por um casal de amigos para que o(a) educador(a) tenha a oportunidade de discutir o impacto dessa vivência. No entanto, o processo que irá gerar essa gravidez pode se dar a partir de diferentes caminhos no jogo. Estes caminhos são definidos pelas escolhas realizadas no percurso lúdico, caracterizadas como “conselhos” dados

pelo contato com o qual Lúcia conversa. Esse contato próximo representa os e as adolescentes que irão participar da ação educativa.

A conversa é direcionada pelas opções disponíveis no jogo. No entanto, a proposta de utilização do jogo pressupõe que a problematização em torno das “escolhas e atitudes” da

adolescente não se limitem as opções trazidas pelo mesmo, conforme será discutido posteriormente nos pressupostos pedagógicos do jogo.

A utilização desse cenário do jogo se justifica pela ampla utilização por este grupo populacional de aplicativos de conversa instantânea, o que aproxima o recurso do cotidiano dos mesmos.

A operação do jogo fica a cargo do(a) educador(a), que irá clicar nas opções escolhidas pelo grupo de adolescentes. Além disso, o fluxo do jogo, no que se diz respeito à sua dinâmica temporal também está sob controle do(a) educador(a), que pode adequá-lo às particularidades de cada grupo e às suas intencionalidades educativas.

No Item Compartilhando nossa experiência na condução do DECIDIX deste material de apoio são apresentadas para leitura e reflexão dos e das, educadoras, “dicas” para a organização e operacionalização da ação educativa mediada pelo jogo.

O DECIDIX é baseado na utilização de recursos lúdicos para a construção de conhecimentos em ações educativas referenciadas teórico e metodologicamente pela Pedagogia Paulo Freire.

5. PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS DO DECIDIX

5.1 BRINCAR APRENDENDO, APRENDER BRINCANDO: A NATUREZA LÚDICA DO DECIDIX

A utilização de recursos lúdicos, especialmente os jogos nas ações educativas, principalmente no contexto da Educação em Saúde tem sido discutida e operacionalizada nas últimas décadas (BARBOSA et al, 2010; YONEKURA; SOARES, 2010; MARIANO et al, 2013).

Nas experiências vivenciadas pela equipe do NEPVIAS, assim como em outras compartilhadas na literatura, a utilização de jogos tem o potencial de proporcionar aos e as educadores(as) e educandos(as):

- Ambiente de descontração para a aprendizagem;
- Possibilidade de construção conjunta do conhecimento;
- Maior motivação para participação na ação educativa;
- Maior interação entre os/as participantes;
- Facilitação da construção e fortalecimento de atitudes e sentimentos de união, companheirismos e pertencimento social;
- Possibilidade de abordagem de assuntos permeados por tabus e mitos de forma mais “leve” (BARBOSA et al 2010; GONTIJO et al, 2015; BECHARA et al, 2015).

Existem diferentes classificações em relações aos jogos. Uma destas tipologias identifica a existência de jogos competitivos e cooperativos. Os jogos competitivos são compreendidos como aqueles que tem como principal finalidade estimular a competição entre os participantes. No contexto educativo, quando essa competição é supervalorizada pode promover a diminuição da autoestima e aumentar o medo de falhar dos participantes, potencialmente criando um ambiente de tensão e de frustração (MAIA; MAIA; MARQUES, 2007; MUNIZ; BORGES, 2013).

Contrapondo aos jogos competitivos, os jogos cooperativos valorizam a cooperação entre os jogadores, que no processo lúdico buscam superar um desafio comum. Dessa forma, o objetivo desses jogos não é de oposição, mas de criação de um ambiente de oportunidades para o

aprendizado cooperativo e prazeroso. Neste ambiente cada um participa de acordo com suas habilidades e desejos, contribuindo para a solidariedade grupal e o fortalecimento individual (MUNIZ; BORGES, 2013; PALMIERE, 2015).

Considerando estes conceitos, o DECIDIX é caracterizado como um jogo cooperativo, uma vez que tem seus objetivos centrados na promoção de situações nas quais os(as) adolescentes precisam escolher determinadas atitudes de forma conjunta e refletir sobre elas.

Mais recentemente, com a incorporação veemente das tecnologias da informação no cotidiano da população, os *serious game* tem alcançado lugar de destaque no campo da utilização de jogos com objetivos educativos. Este tipo de jogo digital, que caracteriza o DECIDIX, é utilizado na saúde em diferentes perspectivas. Uma das possibilidades se refere a oportunizar aos jogadores(as) simular em experiências “do mundo real” no “mundo virtual” e a partir destas conhecerem e refletirem sobre possíveis atitudes que poderiam ser adotadas diante de uma determinada situação.

SERIOUS GAME

Embora não exista uma definição única em relação ao conceito de serious game, estes são compreendidos como jogos utilizados com propósitos que não se restringem ao entretenimento. Os serious game objetivam, especificamente, algum tipo de experiência, aprendizado e/ou treinamento que possam ser transpostos para o contexto real de vida (ARNARB et al., 2013; WATTANASOONTORN et al., 2013; BOWEN et al., 2014; RODRIGUEZ et al., 2014).

CONTINUAR

Uma observação importante é que, como o jogo não foi construído para ser utilizado individualmente, cabe a/ao educador(a) a “animação” do processo educativo, motivando a participação dos e das adolescentes e a manutenção de um caráter lúdico e prazeroso durante o mesmo.

Um aspecto primordial que merece reflexão em relação a este caráter lúdico se refere à própria dinâmica da ludicidade com adolescentes, que geralmente não acontece em um ambiente de calma, silêncio e ordem. O que percebemos nas ações educativas é que quanto mais os e as adolescentes se identificam com a história, quanto mais eles e elas percebem que o espaço educativo construído é uma possibilidade para se expressarem, mais participação se faz presente e geralmente mais discussão também.



JÁ PAROU PARA PENSAR?



- *Quais os espaços nos quais os e as adolescentes podem dizer abertamente o que pensam sobre afetividade e sexualidade sem que isso se transforme em um momento de prescrição de condutas (do que fazer e principalmente do que não fazer) e não de escuta?*
- *Quais as vantagens de se construir ações educativas a partir da escuta verdadeira das perspectivas dos e das adolescentes sobre o tema em discussão?*

Compreende-se que esta discussão precisa ser mediada, sobretudo garantida pelo educador(a) ao utilizar estratégias que possibilitem a fala de todos e todas que assim desejem, sem que isso se configure em “calar” ou “jogar um balde de água fria” no clima “quente” que geralmente se estabelece quando se coloca em destaque questões de natureza polêmica como as proporcionadas pelo DECIDIX.

No entanto, destaca-se que um clima “quente” de discussão não significa a permissividade em relação a condutas ofensivas ou desrespeitosas para com todos(as) que constroem a ação educativa e nem a mudança do foco de discussão da situação de Lucia (personagem) para situações específicas vivenciadas por algum(a) adolescente que podem culminar na exposição de questões de fórum íntimo, com consequências danosas posteriormente.

Figura 2 – Situação desrespeitosa não permitida



5.2 ENSINAR-APRENDENDO, APRENDER-ENSINANDO: PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA PAULO FREIRE

A efetividade de um recurso lúdico está diretamente relacionada à sua utilização conforme os pressupostos a partir dos quais o mesmo foi construído. Neste sentido, associada à valorização do lúdico, e compreendido enquanto condição imprescindível para a utilização do DECIDIX, a adoção de princípios da Pedagogia Paulo Freire norteiam a conduta do(a) educador(a) durante o processo do jogo.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) é o patrono da Educação Brasileira e considerado um educador com reconhecimento mundial. Sua obra inspira pessoas em diferentes campos de saberes e práticas a lutarem pela transformação da sociedade no caminho da humanização. Compreendendo a indissolubilidade entre teoria e prática, Paulo Freire propõe uma pedagogia na qual todos os atores envolvidos sejam compreendidos e se reconheçam como sujeitos desse processo e da construção da história (SANTIAGO, 2016).

Especificamente no campo da saúde a aproximação com a pedagogia Paulo Freire foi e é fundamental para a formulação e implementação da educação popular em saúde (EPS). Essencialmente dialógica a EPS, entre outros aspectos, se opõe às ações educativas tradicionais em saúde baseadas na pura transmissão de conhecimento e prescrição de comportamentos considerados corretos em relação à prevenção de doenças (FIGUEIREDO et al, 2010; SILVA, 2010).

Na década de 1980, em meio às transformações sociais mais amplas vivenciadas no Brasil, a EPS se afirma a partir de práticas e espaços educativos que trazem a perspectiva de valorização popular, encorajamento e empatia aos grupos populares, no sentido de favorecer que esses atores sociais assumam um maior compromisso com sua saúde e se tornem protagonistas de sua vida (SILVA et al, 2010).

Com a instituição da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS) em 2013 a EPS passa a ser um dos norteadores não só do cuidado em saúde mas também da formação dos profissionais que vão atuar neste contexto.



A PNEPS-SUS:

reafirma o compromisso com a universalidade, a equidade, a integralidade e a efetiva participação popular no SUS. Propõe uma prática político-pedagógica que perpassa as ações voltadas para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir do diálogo entre a diversidade de saberes valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e a inserção destes no SUS (BRASIL, 2012, p. 14).

Assim, a PNEPS-SUS tem como alguns de seus objetivos: promover o diálogo e a troca entre práticas e saberes populares e técnico-científicos no âmbito do SUS; incentivar o protagonismo popular no enfrentamento dos determinantes e condicionantes sociais de saúde; contribuir para o desenvolvimento de ações intersetoriais nas políticas públicas referenciadas na EPS (BRASIL, 2012).

A EPS, fundamentada nos pressupostos freireanos defende um processo educativo que possibilite ao homem e a mulher a discussão das problemáticas vivenciadas no cotidiano de forma *crítica e transformadora* (FREIRE, 2011b, 2011c).

Esta educação tem como pressuposto a concepção do *homem e da mulher enquanto seres do inacabamento*, ou seja, daqueles e daquelas que sempre podem ser mais e que se constroem/desconstroem/reconstroem *nas relações* que estabelecem consigo mesmo e com o mundo, transformando-o e transformando-se constantemente.

Este processo, *condicionado* (e não determinado) pelas situações concretas de vida, parte da captação dos dados da realidade vivenciada e avança no sentido da compreensão, progressivamente crítica, dos fatores causais que culminaram em tal experiência com conseqüente enfraquecimento ou derrubada de visões fatalistas sobre a mesma.



JÁ PAROU PARA PENSAR?



➔ O que você acha de frases que ouvimos no cotidiano como: *esse adolescente, vive na boca de fumo desde pequeno, já sabemos no que vai dar... ou ihh essa menina, na família dela todo mundo fica grávida cedo, vai se perder logo logo...*

Neste sentido o DECIDIX foi construído a partir da crença de que as e os adolescentes; principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, embora convivam com limitações concretas em seus cenários reais de vida, como o convívio com tráfico de drogas, violência, falta

de suporte familiar, entre outros; trazem consigo o seu potencial transformador enquanto homens e mulheres. Enquanto seres humanos, faz parte da sua natureza a possibilidade de refletirem sobre os problemas que os afligem e a partir daí identificar e adotar posturas que lhes permitam a vivência das experiências relacionadas a sexualidade de forma segura e saudável.

O DECIDIX configura-se como um instrumento que permite aos sujeitos, mediados pelo educador, a explicitação e a reflexão sobre a *leitura* que estes fazem de um aspecto, situação ou experiência que faz parte do *mundo* em que vivem. De acordo com Paulo Freire, a escuta e o respeito à “*leitura de mundo*” dos(as) educandos(as) é o ponto de partida dos processos educativos que devem avançar no sentido da construção de leituras cada vez mais críticas que possibilitem não somente uma nova “visão de mundo” mas sobretudo a transformação deste (FREIRE, 2011a; 2011d).

Nesta direção, o DECIDIX busca, tanto a partir da simulação de uma conversa em meio eletrônico, que na atualidade caracteriza uma das principais formas de comunicação na adolescência, quanto do conteúdo da própria história construída com base em diversos relatos nas experiências educativas vivenciadas com estes(as), aproximar-se de situações que fazem parte do cotidiano dos jovens no campo da descoberta e exercício das relações afetivas e sexuais.

Espera-se que ao discutirem a história de Lucia e Mauricio e/ou de seus amigos, os e as adolescentes, mediados pelo(a) educador(a) desencadeiem um processo de “*ad-miração*” da história proposta, trazendo à tona as suas compreensões sobre o estabelecimento das relações afetivas sexuais no mundo em que vivem.

No entanto, ressalta-se que não se compreende a situação proposta no jogo como universal, ou seja, partilhada por todos e todas as adolescentes. Assim, é importante que o(a) educador(a), durante a atividade educativa, avalie criticamente a pertinência do conteúdo da história ao contexto de vida do público participante. Para avaliar e garantir a proximidade da história desenrolada ao longo do jogo com a realidade conhecida e (re) reconhecida pelos(as) adolescentes, sugere-se que o(a) educador(a), ao longo do processo, indague aos e as participantes se a mesma tem pertinência ao seu universo cotidiano. Perguntas como: vocês já ouviram histórias parecidas com a de Lucia? O que geralmente os adolescentes fazem nestas

DESTINO?

“Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir” (FREIRE, 2011 a, p. 52)

CONTINUAR

EDUCAÇÃO

“A educação deve possibilitar ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nessa problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio eu, submetido às prescrições alheias” (FREIRE, 2011c, p. 119)

CONTINUAR

situações? possibilitam ao educador a avaliação desta congruência e a realização de possíveis adaptações, que sejam necessárias ao longo do jogo.

A partir disso, os e as jovens, podem ser estimulados(as), tanto pelo(a) educador(a) quanto pelos(as) próprios(as) colegas participantes da intervenção, a aprofundarem suas reflexões sobre os fatores que interferem nas escolhas propostas no jogo que se aproximam de escolhas vivenciadas por muitos adolescentes e que podem ter ressonância em suas próprias histórias de vida (ficar ou não ficar, transar ou não transar sem camisinha, ter ou não ter o filho). Este processo pode contribuir para a construção de perspectivas mais críticas em superação a visões ingênuas e/ou fatalistas.

No entanto, para Paulo Freire esta perspectiva mais crítica não é somente compreender teoricamente a situação em discussão, mesmo que de forma mais complexa ou aprofundada. Para o autor, ter uma postura mais crítica frente a uma *situação-limite* implica também na ação de transformação da realidade vivenciada (FREIRE, 2011b; 2011c; 2011d).

?
SITUAÇÃO-LIMITE
×

As *situações-limite* são “constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos, e ao mesmo tempo, levando-os a perceberem como fatalismo aquilo que lhes está acontecendo” (OSOWSKI, 2010, p. 375).

CONTINUAR

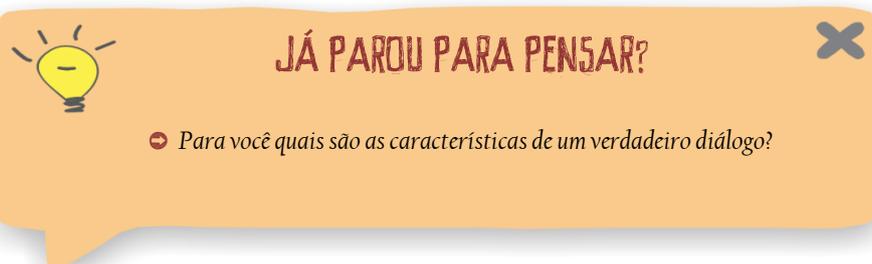
Assim, o processo reflexivo vivenciado no jogo também possibilita caminhar na identificação de outras possibilidades de ação frente a problemática, não vislumbradas anteriormente, consideradas *inéditos viáveis*, que permitam aos e as adolescentes tanto a expressão do seu potencial criativo quanto a assunção das “rédeas” na construção das suas histórias de vida.

No entanto, é importante destacar que não se espera, em hipótese alguma, que este processo de construção aconteça magicamente a partir da participação no jogo. Mas compreende-se que o jogo pode ser uma oportunidade, tanto para os e as adolescentes, quanto para os e as educadores, de reconhecerem-se enquanto sujeitos capazes de *pensar certo*, como defende Paulo Freire. Para o autor o pensar certo, entre outros aspectos, se constitui na percepção e na vivência de estar no mundo e com o mundo como pessoas capazes de intervir no mundo e não somente de se submeter às condições que lhe são impostas (FREIRE, 2011a).

Assim, a promoção da reflexão, crescentemente crítica, sobre como vão se construindo as relações afetivos sexuais na adolescência que podem culminar em uma gravidez não planejada, pode promover a identificação de fatores intervenientes neste processo (como por exemplo, pressões sociais, concepções culturais de gênero, desconhecimento, sentimentos) antes não percebidos pelos e pelas adolescentes e educadores. O desvelamento destes “fatores antes

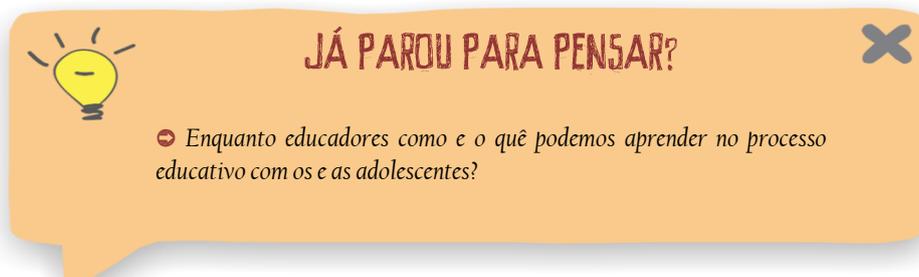
ocultos” e a discussão sobre estratégias de enfrentamento de forma coletiva tem o potencial de contribuir para a construção de novas condutas por parte dos sujeitos participantes das intervenções, tanto adolescentes, quanto profissionais.

Esta perspectiva só se torna possível a partir da compreensão da educação enquanto um *processo dialógico e de construção compartilhada de conhecimento*, antagônico às visões que creditam a/ao educador(a) a função de depositar conteúdos nos sujeitos que participam de suas ações para que estes sigam suas prescrições.



Numa *perspectiva dialógica*, a *problematização* se dá em meio ao estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre todos(as) os(as) que participam do processo educativo, ou seja, educadores(as) e educandos(as) aprendem juntos, a partir da realidade vivenciada pelos(a) educandos(as) (FREIRE, 2011b; 2011c). À medida que são desafiados(as), através do jogo a refletirem sobre as relações afetivo sexuais na adolescência, as e os adolescentes se tornam ativos no processo educativo, e as orientações construídas neste contexto tem maior potencial de serem adotadas por estes(as).

Por outro lado ao conduzir o DECIDIX de forma participativa e problematizadora, o(a) educador(a) terá a oportunidade de se aproximar do universo vivenciado pelos(as) adolescentes e a partir disso, (re)construir, criticamente, novas concepções e atitudes sobre a temática em discussão e sobre a sua atuação neste campo. Assim, compreende-se que no encontro educativo, tanto os e as educandos (as) quanto educadores(as) tem a possibilidade de aprenderem permanentemente um com o outro sobre, com e no mundo em que vivem.



Nesta perspectiva, e a partir de um recorte da obra freireana que pudesse subsidiar a experiência de utilização dos DECIDIX, aponta-se como princípios pedagógicos:

- Construção de relações horizontais entre educadores(as) e educandos(as) através do DIÁLOGO;
- Construção de relações baseadas na ÉTICA, respeito mútuo e AMOROSIDADE, potencializando o vínculo entre educador(a) e educandos(as);
- Construção de experiências de aprendizagem que contribuam para a AUTONOMIA dos atores envolvidos, especialmente no que se refere a sua vida sexual e reprodutiva.

5.3 DIÁLOGO

O diálogo constitui uma categoria central na obra freireana e na utilização do DECIDIX. Segundo Paulo Freire (2011b, p. 109) o diálogo é “o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo...”, ou seja, não é apenas uma conversa entre pessoas com simples troca de ideias, não é um ato de depositar ideias um no outro, pois vai muito além disso.

O diálogo na perspectiva aqui defendida, é um ato de criação no qual os sujeitos buscam a transformação do mundo através da ação e reflexão. Neste processo é possível a construção de uma experiência de aprendizagem na qual tanto educandos(as) quanto educadores(as) aprendem e ensinam.

DIÁLOGO ✕

?

Em Educação como Prática da Liberdade, Paulo Freire (2011c, p. 141) define diálogo como “uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé e da confiança. Por isso só o diálogo comunica”.

CONTINUAR

O diálogo é fundamentado no amor aos homens e às mulheres (discutido posteriormente), na humildade, na fé, na confiança, na esperança e no pensar verdadeiro/certo (FREIRE, 2011b).

A humildade, entendida como oposta a arrogância e autossuficiência, é um dos saberes necessários à prática educativa na perspectiva da EPS. Não é possível construir o diálogo quando um dos envolvidos, geralmente o educador, se acha superior ao outro, e detentor de todo o saber, uma vez que “se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao encontro com eles” (FREIRE, 2011b, p. 93).



JÁ PAROU PARA PENSAR?

➔ *Historicamente as relações entre os profissionais de saúde/educação e a população atendida, dentre ela os adolescentes, foi construído com base na detenção e valorização do saber do profissional. Como você percebe essa relação na atualidade?*



Para que haja diálogo, o educador precisa ter fé e confiança nos homens e mulheres, acreditar na sua capacidade de pensar, de refletir, de fazer, de transformar, de ser mais. Para Paulo Freire (2011b) a fé nos homens deve preceder o diálogo e estar presente antes mesmo de

as pessoas se encontrarem. Como consequência da fundamentação do diálogo no amor, na humildade e na fé nos homens e mulheres estabelece-se no processo educativo uma relação de confiança entre educador(a) e educando(a) (FREIRE, 2011b).

?
CONFIANÇA
×

“A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos” (FREIRE, 2011b, p. 113).

CONTINUAR

Não compreendendo que o diálogo se restrinja aos pontos aqui discutidos, destaca-se a importância da esperança enquanto seu fundamento. Ter esperança, na perspectiva freireana, não significa esperar passivamente as mudanças acontecerem e sim agir, lutar para que estas aconteçam. O fortalecimento dessa esperança, que se operacionaliza no movimento, no agir, perpassa necessariamente pela construção do pensar verdadeiro (pensar certo) caracterizado pela crítica que não aceita passivamente tudo o que lhe é dito, que compreende que o importante é a transformação permanente da realidade (FREIRE, 2011b).

Considerando esses fundamentos, durante a utilização do DECIDIX, que se caracteriza como um instrumento educativo construído para ser essencialmente dialógico, o(a) educador(a) parte da premissa da fé, da qual deve dar seu testemunho as e aos adolescentes, de que estes podem transformar-se a si e ao mundo no qual vivem. Este “testemunho” não se sustenta na concepção do(a) educador(a) de que tem todas as respostas e prescrições do que os e as adolescentes devem fazer, e sim, na busca pela construção de uma relação de confiança na qual possam descobrir e aprender juntos sobre os caminhos a seguir.

A descoberta destes caminhos, no caso em busca de relações afetivas e sexuais saudáveis, além de alegre deve ser esperançosa no sentido freireano, ou seja, ativa no sentido da assunção pelos e pelas adolescentes das rédeas das próprias vidas, escolhendo e se responsabilizando por estas escolhas em seus contextos reais de vida. Assim, o(a) educador(a) pode contribuir neste processo estimulando o pensar crítico sobre as escolhas de Lucia e os fatores que interferem nestas escolhas.

Por exemplo, ao perguntar para os e as adolescentes se a situação do jogo fosse uma na qual Lucia insiste para “ficar” com Mauricio em uma festa, pela nossa experiência, alguns jovens vão trazer em suas falas respostas que dizem que Mauricio, que é homem, não pode negar de ficar com uma mulher, pois senão teria sua masculinidade questionada pelo grupo de amigos. Diante desta colocação, as e os adolescentes trazem uma primeira leitura da situação expressando concepções hegemônicas em nossa sociedade no âmbito das relações de gênero, nas quais ao homem cabe a virilidade descontrolada e à mulher o recato nas relações sócio afetivas. No entanto, pode ser que os e as adolescentes não percebem essa relação, de forma

tão explícita, uma vez que podem estar somente reproduzindo concepções que são historicamente construídas de forma acrítica.

Neste ponto, o(a) educador(a) pode contribuir colocando questões que levem os e as adolescentes a aprofundar a sua análise, a partir do conteúdo trazido por eles e elas, mas indo um pouco mais além deste. Perguntas como: O que os homens “podem” fazer em relação a sexualidade é igual para as mulheres? Como são essas diferenças? Quem diz que tem que ser assim? Por que é assim? Dialogadas com conteúdos trazidos pelo(a) educador(a), do que são relações de gênero e seu caráter sócio histórico, podem levar a um processo de construção compartilhada de conhecimento sobre esse assunto.

No entanto, destaca-se que o “grau de aprofundamento” deste processo reflexivo varia de grupo para grupo e que o(a) educador(a), na dinâmica da condução do grupo, vai perceber até onde é possível ir naquele momento para que a atividade atinja os propósitos da intervenção dentro do tempo planejado e sobretudo, sem perder o seu caráter lúdico e participativo.

Uma dica explícita para o(a) educador(a) de que o processo reflexivo está sendo desenvolvido, além do conteúdo do diálogo em si, é a utilização de frases pelos e pelas adolescentes que remetam à percepção de que nunca tinham parado para pensar sobre isso e/ou desta forma ou que durante a intervenção puderam falar o que pensavam. Dicas menos explícitas do processo se refletem na postura corporal de participação (escuta ou fala) dos e das adolescentes, no desejo de falar todos ao mesmo tempo, na percepção de conversas paralelas sobre o assunto, entre outras.

5.4 AMOROSIDADE E ÉTICA

O diálogo é fundamentado, além dos aspectos discutidos anteriormente, também no amor, que é em si mesmo diálogo. Na perspectiva freireana, o amor é “um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens” (FREIRE, 2011b, p. 111).



JÁ PAROU PARA PENSAR?



➔ O que você pensa sobre o amor ser compreendido como um ato de coragem nas ações educativas?

O amor enquanto compromisso se refere à causa da humanização, da construção de um mundo mais justo para todos. Assim, amar ao outro, é comprometer-se com ele(a), com seus problemas, com sua realidade, com sua forma de ver a vida, e juntos(as) construir novas formas de ser e estar no e com o mundo.

Esse comprometimento refere uma escolha e atitude ética que se posiciona contra a inverdade, a exploração do fraco e do indefeso, a mentira, o falar mal de alguém, o encobrir dos sonhos e utopias, e não aceita discriminação de raça, gênero e classe, entre outros aspectos. Neste sentido, a ética defendida é a universal, indispensável à convivência humana (FREIRE, 2011a).

Durante a utilização do DECIDIX, a coragem inerente a amorosidade defendida nesta perspectiva educativa, pode se explicitar aos adolescentes na postura do(a) educador(a) em abrir-se à discussão, de escutá-los e escutá-las verdadeiramente, a posicionar-se e não impor-se diante das situações, de estimular o

pensamento crítico, a descoberta, criatividade, curiosidade e transformação e por isso, ir contra acomodação e à naturalização das situações que vulnerabilizam os e as jovens no campo das vivências afetivos sexuais.



ÉTICA



“Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos” (FREIRE, 2011a, p.19).

CONTINUAR



ESCUTAR



“Escutar significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 2011a, p.117).

CONTINUAR

Além disso, por ser amorosa por natureza, a vivência do DECIDIX junto aos e as adolescentes pode ser uma oportunidade impar para não somente trazer a tona a discussão da ética mas sobretudo para a sua vivência no processo dialógico.

Assim, durante o jogo o(a) educador(a) pode promover reflexões sobre os processos que culminam em injustiças no cenário de vida dos e das adolescentes que tem repercussões diretas no cotidiano das relações afetivas e sexuais como por exemplo, as desigualdade de poder nas relações de gênero, desigualdades econômicas que limitam a construção de projetos de vida ou as limitações no acesso e qualidade dos serviços de saúde e educação.

No entanto, é fundamental que o jogo seja uma oportunidade para que os e as adolescentes percebam uns aos outros(as) enquanto seres da ética, e como tais, devem ir contra a possibilidade transgredi-la nos pequenos atos cotidianos expressos no não respeito à opinião do(a) colega, na intimidação daqueles(as) que não concordam com as suas opiniões ou na utilização de atitudes agressivas para impor a sua perspectiva sobre a situação em discussão. Neste sentido, a construção e o respeito de um acordo grupal, baseado na ética e na amorosidade, antes do jogo em relação a como será a experiência, faz parte da vivência educativa proposta pelo DECIDIX.

5.5 AUTONOMIA



DECIDIX foi construído na perspectiva de contribuir com a construção de experiências de aprendizagem que promovam a autonomia dos e das adolescentes em relação à vivência da saúde sexual e reprodutiva.

Para Paulo Freire a autonomia não se caracteriza como algo estanque, que se obtém ou desenvolve em uma ocasião específica, e sim como um processo que se dá ao longo da vida que pode ser potencializado nas ações educativas.

Enquanto processo, a autonomia se constrói e se fortalece permanentemente, a medida em que é vivenciada, em que se tem a possibilidade de participar de decisões, tomar atitudes a elas relacionadas e se responsabilizar pelas suas consequências (FREIRE, 2011a).

Na perspectiva da EPS o respeito, a valorização e a construção da autonomia dos homens e mulheres se subsidiam na visão destes e destas enquanto seres históricos, curiosos, transformadores e inconclusos. Homens e mulheres, cientes da sua inconclusão, podem sempre ser *mais*, quanto mais críticos e responsáveis vão se tornando. Assim, conforme destaca Paulo Freire (2011a, p.104) é “decidindo que se aprende a decidir”, sendo que “faz parte do aprendizado da decisão a assunção das consequências do ato de decidir”.

?
AUTONOMIA
×

“A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade” (FREIRE, 2011a, p. 105)

CONTINUAR



JÁ PAROU PARA PENSAR?



☞ *Em relação a gravidez para adolescentes que vivenciam situações de intensa vulnerabilidade social, você já parou para pensar quais possibilidades de escolha de construção de projetos de vida esta realmente consegue vislumbrar em seu cotidiano?*

Neste sentido, compreende-se que o processo proposto pelo DECIDIX pode contribuir para o exercício [da possibilidade] de decidir sobre uma situação que pode vir a fazer parte da realidade dos e das adolescentes. Sabe-se que a vivência do jogo em si não se constitui como uma estratégia por si só promotora da autonomia, uma vez que a autonomia implica também na ação e na responsabilização em relação às suas consequências. No entanto, espera-se que a experiência de refletir sobre um processo decisório, de forma protegida pelo ambiente

do jogo e potencializada pelo(a)educador(a), contribua para que os e as adolescentes estejam um pouco mais instrumentalizados para os desafios da vida real.

Para Paulo Freire esse processo de construção da autonomia só se constitui com liberdade. Liberdade de pensar, se expressar, decidir e agir que se dão no respeito ético que deve-se ter com a liberdade do outro de vivenciar o mesmo processo (FREIRE, 2011a).

Assim, vivenciar a liberdade não é sinônimo de estabelecer relações no e com o mundo licenciosas ou nas quais não se constituam relações de autoridade. A autoridade, e não o autoritarismo, é inerente a função do(a) educador(a) que ao exercê-la com humildade, generosidade, amorosidade, ética e segurança, se coloca na posição daquele que se sabe na função de criador das possibilidades de construção de conhecimentos e não transmissor destes (FREIRE, 2011a).

Conforme se discute ao longo deste material de apoio, a postura do(a) educador(a), que reflete a sua intencionalidade no ato educativo, é vital para a efetividade na utilização do DECIDIX. Assim, espaço físico, materiais, gestos, palavras e até mesmo o silêncio devem explicitar para os e as adolescentes a intencionalidade do(a) educador(a) de contribuir para a sua autonomia.



JÁ PAROU PARA PENSAR?



➊ Como conseguimos diferenciar posturas autoritárias, licenciosas e de autoridade nas relações que estabelecemos no cotidiano?

Sabe-se que a construção de um espaço educativo baseado na autoridade e na liberdade não se constitui como cenários comumente vivenciados, principalmente nas ações de educação em saúde tradicionais e pontuais. Nas experiências vividas pela equipe do NEPVAS, que originaram o DECIDIX, geralmente percebemos uma reação inicial de estranhamento por parte dos e das adolescentes que se explicita desde comportamentos de inibição até condutas de intimidação dos(as) educadores (as). No entanto, o que se percebe é que quando o(a) educador(a) apresenta uma congruência, desde o início, entre o que faz e o que fala e intenciona, os e as adolescentes reconhecem o espaço educativo como uma possibilidade real de construção conjunta de conhecimentos.

Neste sentido, é importante o(a) educador(a) estar atento(a) a posturas, muitas vezes nem percebidas comumente, que vão no sentido contrário do que é proposto, por exemplo,

elevant a voz para manter o silêncio dos e das adolescentes, não oportunizar para que todos que queiram falem e dar voz somente aqueles e aquelas que geralmente são mais “fortes” no grupo, manter posturas corporais que não reflitam a sua disponibilidade para o diálogo, não permitir questionamentos que na sua perspectiva não tem ligação direta com o assunto, entre outros.

Figura 3 – Postura autoritária que não permite o diálogo



Considerando todos os pressupostos discutidos aqui, e compreendendo que estes precisam se “materializar” na conduta dos(as) educadores(as), no quadro 1 são exemplificadas algumas ações que podem surtir efeitos positivos nas ações do DECIDIX. No entanto, enfatiza-se que este quadro não objetiva ser uma prescrição de condutas e sim somente possíveis estratégias cuja adequação para utilização deve ser avaliada pelo(a) educador(a) no seu cenário específico.

Quadro 1 - Exemplos de atitudes e ações do(a) educador(a) congruentes com os pressupostos pedagógicos do DECIDIX.

PRESSUPOSTO	POSSIBILIDADES DE AÇÕES DO(A) EDUCADOR(A)
DIÁLOGO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Disponibilidade de ouvir e compreender os (as) adolescentes; ▪ Promoção de um ambiente no qual os (as) adolescentes se sintam a vontade para se expressar; ▪ Utilização de uma linguagem que alcance a compreensão dos (as) adolescentes; ▪ Estimulação de discussão para que os (as) adolescentes tragam situações de vida e experiências que já viveram relacionadas ao tema abordado; ▪ Construção conjunta de ideias a partir de experiências tanto dos (as) adolescentes quanto dos(as) educadores(as); ▪ Respeito e valorização dos conhecimentos trazidos pelos (as) adolescentes sem autoritarismo; ▪ Estabelecimento de uma relação de confiança e um bom vínculo com o (a) adolescente, reconhecendo-o (a) enquanto um sujeito; ▪ Reconhecimento do (a) adolescente enquanto um sujeito importante e potencialmente capaz de buscar transformar a sua realidade e o seu contexto a partir da discussão crítica.
ÉTICA E AMOROSIDADE	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Respeito ao (à) adolescente enquanto sujeito;

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Respeito e valorização do seu conhecimento, sua opinião e seu ponto de vista; ▪ Acolhimento dos sonhos e utopias dos (as) adolescentes e facilitação de sua criticidade em relação aos seus desejos; ▪ Garantia do sigilo em relação aos discursos e experiências dos (as) adolescentes; ▪ Respeito de suas preferências; ▪ Promoção do respeito mútuo entre educador(a) e adolescente e entre adolescentes; ▪ Construção do conhecimento conjuntamente através do diálogo sem “domesticar” concepções; ▪ Acolhimento do (a) adolescente com sua forma peculiar de expressão e aproximação de sua linguagem para a compreensão dos(as) mesmos(as); ▪ Promoção do ambiente para que o (a) adolescente construa seu ponto de vista sem imposição de concepções; ▪ Desenvolvimento de empatia com os (as) adolescentes; ▪ Oportunidade de aprender enquanto ensina e ensinar enquanto aprende; ▪ Escuta dos (as) adolescentes com atenção e, se possível, os(as) mesmos(as) nos olhos; ▪ Importar-se com o que os (as) adolescentes trazem nos seus discursos e no diálogo; ▪ Acolhimento dos (as) adolescentes chamando-os(as) pelos nomes de forma que se sintam bem no ambiente em que estão e na companhia do(a) educador(a).
<p>AUTONOMIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimulação dos (as) adolescentes a uma atitude crítica em relação ao seu contexto; ▪ Incitação de discussões sobre escolhas de vida; ▪ Promoção do resgate do conhecimento trazido pelo (a) adolescente, evitando se deter a opinião que o(a) educador(a) considera correto e ao seu conhecimento; ▪ Reflexão e discussão com os (as) adolescentes sobre o que seria melhor para sua vida sem direcionar atitudes; ▪ Estimulação de atitudes criativas dos (as) adolescentes em relação às situações; ▪ Problemática para que os (as) adolescentes pensem em novas soluções em relação aos problemas e discuti-las.

Baseado em Freire (2011a); Freire (2011b); Freire (2011c); Gontijo et al. (2014); Gontijo et al. (2015).

6. COMPARTILHANDO NOSSA EXPERIÊNCIA NA CONDUÇÃO DO DECIDIX

Trabalhar com adolescentes não é uma tarefa simples. Considerando este desafio, sem a intenção de prescrever condutas ou limitar a criatividade do(a) educador(a) que for utilizar o DECIDIX, este texto tem a finalidade de compartilhar as experiências vivenciadas pela equipe do NEPVIAS na condução de jogos com adolescentes objetivando a promoção da saúde sexual e reprodutiva, especificamente com o DECIDIX. Nosso cenário principal de atuação se dá no contexto escolar, no entanto compreendemos que em qualquer espaço onde os e as adolescentes se encontrem é possível desenvolver ações desta natureza. De forma complementar, indicamos os trabalhos de MONTEIRO (2017) e OLIVEIRA (2017) que abordam o processo de validação do DECIDIX junto a adolescentes e profissionais de saúde e educação respectivamente.

Quê precisamos do local para a intervenção?

Como as nossas intervenções geralmente se dão em espaços escolares, utilizamos prioritariamente espaços coletivos da escola para as ações. No entanto, é importante que este espaço garanta a privacidade do grupo sem interrupções, acomodações confortáveis para os e as adolescentes e possibilidade de projeção ampliada da imagem do jogo operacionalizado em um computador. O jogo não necessita de equipamentos de áudio para a sua utilização.

Como formamos o grupo de intervenção?

As vivências da equipe do DECIDIX se deu em contextos escolares, assim trabalhamos com adolescentes que já se conhecem, sendo necessário o estabelecimento do vínculo dos(as) educadores(as) com estes.

No contexto escolar geralmente as turmas de ensino fundamental são compostas por 25 a 40 alunos, sendo que dividimos cada turma em dois grupos. O quantitativo de adolescentes é um fator importante, pois quanto maior o grupo, maior a dificuldade do educador de

oportunizar a fala a todos(as) os(as) participantes e de aprofundar as reflexões trazidas para o grupo. Em nossa experiência, o número ideal de participantes em cada grupo vai de 6 a 15 participantes.

No que se refere à composição dos grupos em relação a gênero, até o momento, trabalhamos prioritariamente com grupo de meninas e meninos separados. Essa “divisão”, comparativamente às vivências com grupos mistos, nos possibilitou aprofundar as discussões a partir das especificidades das relações de gênero, com repercussão importante no que tange as discussões sobre os fatores vulnerabilizantes da vivência da sexualidade relacionados às construções hegemônicas de gênero para mulheres e homens.

Neste sentido, percebemos que em ações isoladas de promoção de saúde sexual e reprodutiva a utilização de grupos mistos pode limitar o potencial de discussão e reflexão crítica. No entanto, em contextos educativos nos quais o DECIDIX for utilizado no âmbito de ações continuadas a formação de grupos mistos pode ser uma estratégia interessante.

Como apresentamos e “jogamos” o DECIDIX?

De uma forma geral, em nossas ações a equipe da escola nos apresenta aos adolescentes e a partir daí direcionamos nossa ação. Conforme apontado anteriormente, consideramos primordial o estabelecimento de uma relação mais próxima com os e as adolescentes durante a intervenção, sendo que esta proximidade pode ser construída com a construção e utilização de crachás pelos(as) adolescentes e pela equipe. Dependendo do tempo para a intervenção disponível, pode-se utilizar outras dinâmicas de aquecimento com o grupo.

Em seguida apresentamos a proposta do DECIDIX, dizendo as e aos adolescentes que se trata de um jogo, mas que nesse jogo não há ganhadores ou perdedores. Que se trata de um jogo que simula (ou imita) situações que geralmente são vivenciadas pelos(as) adolescentes e que eles(as) serão convidados a ajudar uma adolescente a tomar as decisões do que fazer diante destas. Essa “ajuda” se dará a partir de uma conversa que a turma terá com Lucia por um aplicativo de celular. Assim Lucia fará perguntas e o grupo irá escolher qual resposta dar a esta, enfatizando-se que não há uma opção considerada certa ou errada a priori. O grupo é informado que estas escolhas serão discutidas e que a opção que será utilizada no jogo será a que for escolha da maioria do grupo.

Neste momento também acordamos os “limites” para a discussão, estabelecendo um acordo grupal, principalmente sobre como será o processo de falar e escutar durante a

intervenção. Neste acordo, quando os e as adolescentes não trazem espontaneamente este aspecto, destacamos que não serão permitidas ofensas ou qualquer outra forma de violência ou desrespeito ao colega e enfatizamos que o que está sendo discutido é a vida de Lucia e não de algum colega do convívio que passe por situações semelhantes.

Neste momento, contextualizamos quem é Lúcia, afirmando que é uma menina com idade similar a média do grupo participante, que estuda em uma escola pública e que está interessada por um garoto, Maurício que frequenta a mesma escola. Maurício é um dos garotos com os quais a maioria das meninas quer ficar.

Em seguida é solicitado ao grupo a escolha de um nome para a personagem que irá conversar com Lúcia e que representa a turma (inserido na primeira tela do jogo). Apresentamos a tela inicial do jogo e questionamos ao grupo se eles conhecem essa forma de comunicação, o que estão vendo, quem são os contatos de Lúcia, enfim, oportunizamos um primeiro momento de reconhecimento do recurso educativo. Em nossas experiências não nos deparamos com adolescentes que não reconhecessem e tivessem familiaridade com aplicativos de mensagens instantâneas.

Em seguida, iniciamos a conversa de Lúcia com a turma com a finalidade de facilitar a visualização do fluxo do jogo e também a condução, no anexo 1 encontra-se um roteiro do jogo. Um aspecto muito importante na condução do jogo se refere a problematização que deve ser feita a cada nova pergunta de Lucia sobre o que deve fazer, antes de ofertar para o grupo as opções de resposta do jogo.

Esta problematização, inicialmente se refere a questões que vão permitir que o(a) educador(a) identifique a similaridade da história com o contexto dos e das adolescentes participantes. No entanto, progressivamente, e de acordo com a dinâmica de cada grupo, os questionamentos trazidos pelo(a) educador(a) vão no sentido de contribuir para uma compreensão mais crítica dos fatores envolvidos na pergunta que tem relação direta com as escolhas que serão feitas pelo grupo ao longo do jogo.

Assim, após o diálogo sobre a pergunta feita por Lúcia, as opções do jogo são mostradas na tela e se inicia o processo de discussão sobre qual será a escolha da turma. Dependendo do “grau” de consensualidade obtida na turma em relação a opção a(o) educador(a) pode promover falas de defesa de cada uma, pelos e pelas adolescentes e depois, caso não haja consenso, realizar uma votação para dar andamento ao jogo. A condução das discussões sobre as opções do jogo pelo(a) educador(a) deve também considerar as problematizações já

realizadas antes destas serem ofertadas aos adolescentes para que o jogo não perca a sua dinamicidade e o caráter lúdico.

Nas discussões, dependendo do conteúdo trazido pelos e pelas adolescentes, o(a) educador(a) deve contribuir com conhecimentos que este considere relevantes para o propósito da ação educativa, que subsidiem a adoção de práticas promotoras de saúde. Neste sentido, enfatiza-se que o processo de produção de conhecimento é construído coletivamente, ou seja, o(a) educador(a) não deve se limitar ao conteúdo que é trazido pelos e pelas adolescentes, e sim, a partir deste, contribuir para a construção de novos saberes.

Durante o processo de *problematização* realizado durante o jogo, embora os conteúdos trazidos pelos(as) adolescentes sejam únicos e particulares para aquele grupo, existem questões que devem necessariamente ser colocadas em discussão pelo(a) educador(a), a fim de que o objetivo do jogo seja alcançado. Essas questões aparecem na tela do jogo na forma de pop ups que se abrem ao educador clicar a barra de espaço do computador nos momentos em que aparece um asterisco nas mensagens. Além desses lembretes primordiais, outras possibilidades de problematizações que geralmente realizamos (não se limitando a estas) estão exemplificadas no anexo 2.

O jogo sempre terminará com a ocorrência da gravidez de Lúcia ou de uma amiga dependendo do fluxo escolhido durante o jogo. Assim, na última tela, após a discussão sobre os impactos da gravidez na vida do e da adolescente, o (a) educador (a) deve convidar os e as participantes do jogo a uma última reflexão. Essa reflexão se refere a outras possibilidades que poderiam ter acontecido na história de Lúcia e Maurício e/ou de seus amigos, que pudessem ter evitado a ocorrência da gravidez. Geralmente estimulamos essa reflexão a partir da seguinte pergunta: Considerando que Lúcia e Maurício (ou Ana e Pedro) não queriam ter tido um filho agora (nessa época da vida) o que vocês mudariam na história para que ela não ficasse grávida?

A partir deste questionamento os e as adolescentes, em conjunto com o (a) educador (a) podem refletir outras possibilidades de ação frente as situações colocadas pelo jogo que se revertam na compreensão da gravidez como uma escolha e não como algo que acontece por destino ou acaso na vida das pessoas envolvidas. Neste sentido, geralmente terminamos o jogo com a discussão sobre a relação entre autonomia, liberdade e responsabilidade na vivência da sexualidade. De forma complementar, o/a educador(a) tem a sua disposição uma tela na qual se aborda o uso correto dos métodos contraceptivos mais utilizados na adolescência (anexo 3).

Como finalizamos o jogo?

Ao término do jogo realizamos uma avaliação sobre a experiência com os e as adolescentes. Nesta avaliação oportunizamos que os e as participantes expressem como foi participar da ação educativa; quais os conteúdos mais marcantes e com relevância para a “vida real”; dificuldades e potencialidades da estratégia de utilização de jogo na ação educativa; percepções sobre a relação educandos(as)-educadores(as) assim como sugestões para o jogo e para outras ações.

Outro aspecto importante é a oferta de uma devolutiva para a equipe do local no qual a ação educativa foi realizada. Esta devolutiva pode abranger percepções sobre a temática em discussão ou sugestão de outros assuntos que podem ser discutidos com os e as adolescentes a partir do que estes e estas trouxeram.

Por fim, um último aspecto, mas não menos importante a se considerar refere-se a possibilidade do/a profissional perceber a necessidade de intervenção individualizada, seja por conteúdos ou atitudes apresentados pelo(a) jovem durante o jogo, ou mesmo por demanda espontânea por parte de algum(a) adolescente. Durante as experiências vivenciadas pela equipe do NEPVIAS foram comuns situações nas quais, ao término das ações educativas, adolescentes buscassem a equipe em busca de orientações para si ou “conhecidos” sobre questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva. Nestas situações é de suma importância que o(a) educador(a) avalie a pertinência da realização somente da orientação ou a necessidade de articulação de uma rede de apoio e proteção. Esta articulação deve ser pactuada com o(a) adolescente para que não se perca a oportunidade, muitas vezes única, de ajuda-lo em virtude de uma possível percepção de “quebra de confiança” por parte deste.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU INICIAIS?)

O trabalho cotidiano com adolescentes tem sido o eixo mobilizador das ações de ensino, pesquisa e extensão do NEPVIAS. É nesse contato com a alegria, com a curiosidade, com as semelhanças e com as diversidades de jeitos de ser e de viver, e, principalmente com a esperança de que o mundo pode ser um lugar melhor para todos, expressos nos olhos dos e das jovens com as quais “brincamos”, que nos renovamos diariamente.

Nos renovamos ao compartilhar suas dúvidas, ao rir de suas piadas, ao sofrer com seus relatos de violação de direitos inerentes aos seres humanos, ao aprender sua linguagem, ao nos deparar com questionamentos que nunca havíamos pensado. Nos renovamos ao ver na prática que podemos realmente *ser mais* do que as condições de vida nos dizem que devemos ser e que é imperativo lutar, esperançosamente, para um mundo mais justo e ético.

É com esta esperança, e cientes de que as grandes transformações também se iniciam nas pequenas iniciativas, que trouxemos o DECIDIX e as nossas experiências a público para que possam ser discutidas, utilizadas, questionadas criticamente e sobretudo transformadas por cada um e cada uma que deseje partilhar conosco a escolha e a responsabilidade de contribuirmos para a construção de espaços onde os e as adolescentes se sintam acolhidos e apoiados na tarefa humana de aprender sempre e de construir suas estórias.

“Gosto de ser gente porque mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos quase sempre geram barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam” (FREIRE, 2011a, p. 53)

REFERÊNCIAS

- ARNAB, S.; BROWN, K.; CLARKE, S.; DUNWELL, I.; LIM, T.; SUTTIE, N.; LOUCHAR, S.; HENDRIX, M.; FREITAS, S. The development approach of a pedagogically-driven serious games to support relationship and Sex Education (SER) within a classroom setting. **Computers & Education**, v. 69, p. 15-30, 2013.
- BARBOSA, S. M.; DIAS, F. L. A.; PINHEIRO, A. K. B.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, N. F. C. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Rev. Eletr. Enf.** v. 12, n. 2, p. 337-41. 2010.
- BECHARA, A. M. D., GONTIJO, D. T., MEDEIROS, M., FACUNDES, V. L. D. “Na brincadeira a gente foi aprendendo”: promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. **Rev. Eletr. Enf.** v. 15, n. 1, p. 25-33, jan./mar. 2013.
- BOWEN, E., WALKER, K.; MAWER, M.; HOLDSWORTH, E.; SORBRING, E.; HELSING, B.; BOLING, A.; LEEEN, E.; HELD, P.; AWOUTERS, V.; JANS, S. “It’s like you’re actually playing as yourself”: Development and preliminary evaluation of ‘Green Acres High’, a serious game-based primary intervention to combat adolescent dating violence. **Psychosocial Intervention**, n. 23, p. 43- 55, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva**/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: gêneros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Comitê Nacional de Educação Popular Em Saúde - CNEPS. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Brasília, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico – AIDS e DST** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, p. 937-46, 2009.
- CAMPOS, B. C. V. **Vivência da maternidade na adolescência: avaliação da qualidade de vida das mães**. 2013. 62 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem): Faculdade de Ceilândia/ Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2013.
- CAVALCANTE, R. B.; FERREIRA, M. N.; MAIA, L. L. Q. G. N.; ARAÚJO, A.; SILVEIRA, R. C. P. Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação na educação em saúde de adolescentes escolares. **J. Health Inform**, v. 4, n. 4, p. 182-186, 2012.
- COSSA, A. P. P.; JARDIM, D. P. O enfermeiro na educação em saúde na adolescência nos últimos dez anos. **Rev. Enferm UNISA**, v. 12, n. 1, p. 58-63, 2011.
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paideia**, v. 20, n. 45, p. 123-131, jan./abr. 2010.
- FIEDLER, M. W.; ARAÚJO, A.; SOUZA, M. C. C. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 30-7, jan./mar. 2015.

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, Leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011d.
- GONÇALVES, H.; MACHADO, E. C.; SOARES, A. L.; CAMARGO-FIGUERA, F. A.; SEERIG, L. M.; MESENBURG, M. A.; GUTTIER, M. C.; RAQUEL SIQUEIRA BARCELOS, R. S.; BUFFARINI, R.; ASSUNÇÃO, M. C.F.; HALLAL, P. C.; MENEZES, A. M. B. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Rev bras epidemiol**, v. 18, n.1, p. 1-18, Rio Grande do Sul, Jan-Mar 2015.
- GONTIJO, D. T.; MEDEIROS, M. Significados da maternidade e paternidade para adolescentes em processo de vulnerabilidade e desfiliação social. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet], v. 12, n. 4, p. 607-15, 2010.
- GONTIJO, D. T., FACUNDES, V. L. D., VASCONCELOS, A. C. S., MONTEIRO, R. J. S. Promoção de saúde sexual e reprodutiva com adolescentes: reflexões sobre o potencial das ações extensionistas para o processo de formação dos profissionais de saúde. **Cadernos de Extensão 2014- Saúde 2**, proext-Universidade de Pernambuco- UFPE. 2014.
- GONTIJO, D. T.; VASCONCELOS, A. C. S.; MONTEIRO, R. J. S.; FACUNDES, V. L. D.; TRAJANO, M. F. C.; LIMA, L. S. Occupational Therapy and Sexual and Reproductive Health Promotion in Adolescence: A Case Study. **Occupational Therapy International**, v. 22, p. n/a -n/a. 2015.
- IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do escolar 2015. Rio de Janeiro; IBGE, 2016. 132p.
- LUZ, A. M. H.; BERNI, N. L. O. Processo da paternidade na adolescência. **Rev Bras Enferm**, v. 63, n. 1, p. 43-50, Brasília, jan./fev. 2010.
- MACEDO, S. R. H.; MIRANDA, F. A. N.; JUNIOR, J. M. P.; NÓBREGA, V. K. M. Adolescência e sexualidade: *scripts* sexuais a partir das representações sociais. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103-9, jan./fev. 2013.
- MAIA, R. F.; MAIA, J. F.; MARQUES, M. T. S. P. Jogos cooperativos x jogos competitivos: um desafio entre o ideal e o real. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 2, n. 4, p. 125-139, dez. 2007.
- MARIANO, M. R.; PINHEIRO, A. K. B.; AQUINO, P. S.; XIMENES, L. B.; FREITA, L. M. *Jogo educativo na promoção da saúde de adolescentes: revisão integrativa*. **Rev Bras Epidemiol**, v. 15, n. 1, p. 265-73, jan./mar. 2011.
- MARTINS, C. B. G.; ALMEIDA, F. M.; ALENCASTRO, L. C.; MATOS, K. F.; SOUZA, S. P. S. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. **Ciencia y Enfermeria XVIII**, n. 3, p. 25-37, 2012.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. BRASIL. Boletim epidemiológico 2016. Brasília, Ministério da Saúde. 2016, 64p.
- MONTEIRO, R. J. S.; GONTIJO, D. T. G.; FACUNDES, V. L. D.; VASCONCELOS, A. C. S. "Pensando como um menino é mais fácil": construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 26, n. 2, p. 207-15, maio/ago. 2015.
- MONTEIRO, R. J. S. **Validação do Jogo Decidix na versão digital e física direcionado para a promoção de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes**. 153p. (Dissertação Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- MUINIZ, I. B.; BORGES, C. N. F. Jogos cooperativos, jogos competitivos e a classificação subjetiva. Piracicaba, **Impulso**, v. 23, n. 58, p. 103-114, out./dez. 2013.
- OLIVEIRA, M. P. C. A. **Utilização do Decidix para promoção da saúde sexual e reprodutiva na adolescência: estudo de validação**. 176p. (Dissertação Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- OSOWSKI, C. I. Situações limite. In: STRECK, DR; REDIN, E; ZITKOSKI, J J (ORG). **Dicionário Paulo Freire**. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 375-6.
- PALMIERI, M. W. A. R. Jogos cooperativos e a promoção da cooperação na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 19, Número 2, p. 243-252, mai./ago. 2015.
- PATIAS, N. D.; GABRIEL, M. R.; WEBWE, B. T.; DIAS, A. C. G. Considerações sobre a gestação e a maternidade na adolescência. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 19, n. 1, p. 19-27, jan./jun. 2011.
- RODRIGUEZ, D. M.; TEESSON, M.; NEWTON, N. C. A Systematic review of computerised serious educational games about alcohol and other drugs for adolescents. **Drug and alcohol Review**, v. 33, p. 129-135, march. 2014.
- SANTIAGO, E. Biografia. Cátedra Paulo Freire. Disponível em:

<http://www.catedrapaulofreireufpe.org/memoria-paulo-freire/biografia/>. Acesso em: 26/03/2016.

SCOTT, J. W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, C. M. C.; MENECHIM, M. C.; PEREIRA, A. C.; MIALHE, F. L. Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2539-50, 2010.

TRONCO, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 254-269, Jul./dez. 2012.

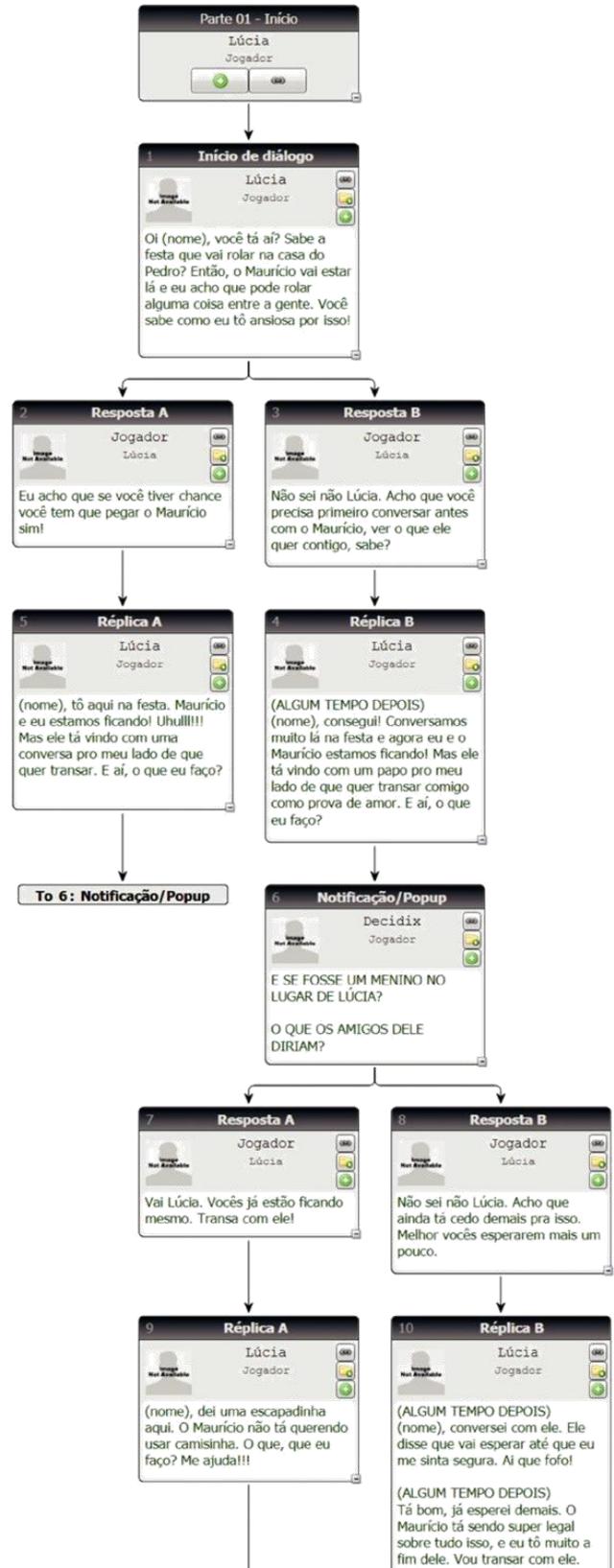
VASCONCELOS, A. C. S.; MONTEIRO, R. J. S.; FACUNDES, V. L. D.; TRAJANO, M. F. C.; GONTIJO, D. T. Eu virei homem!: a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.1, p.186-197, 2016.

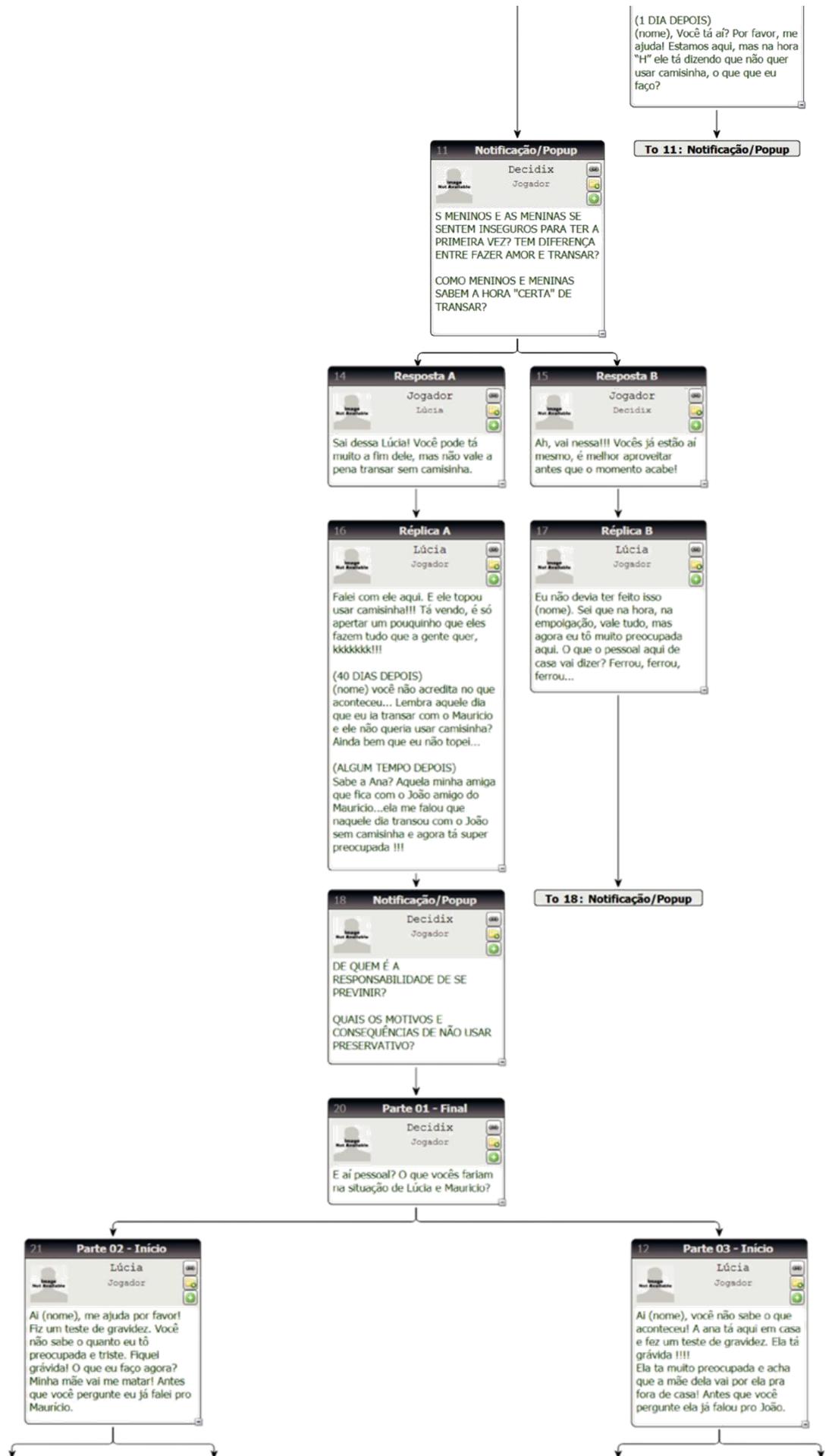
WATTANASOONTORN, V.; BOADA, I.; GARCÍA, R.; SBERT, M. Serious games for health. **Entertainment Computing**, v. 4, p. 231- 247, 2013.

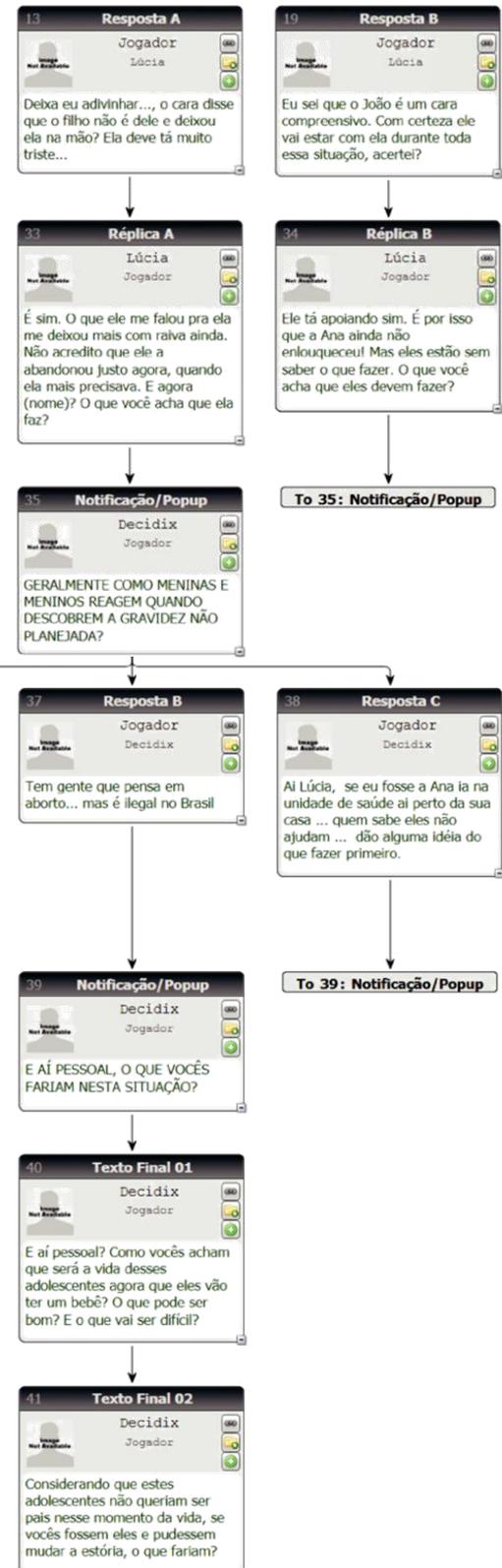
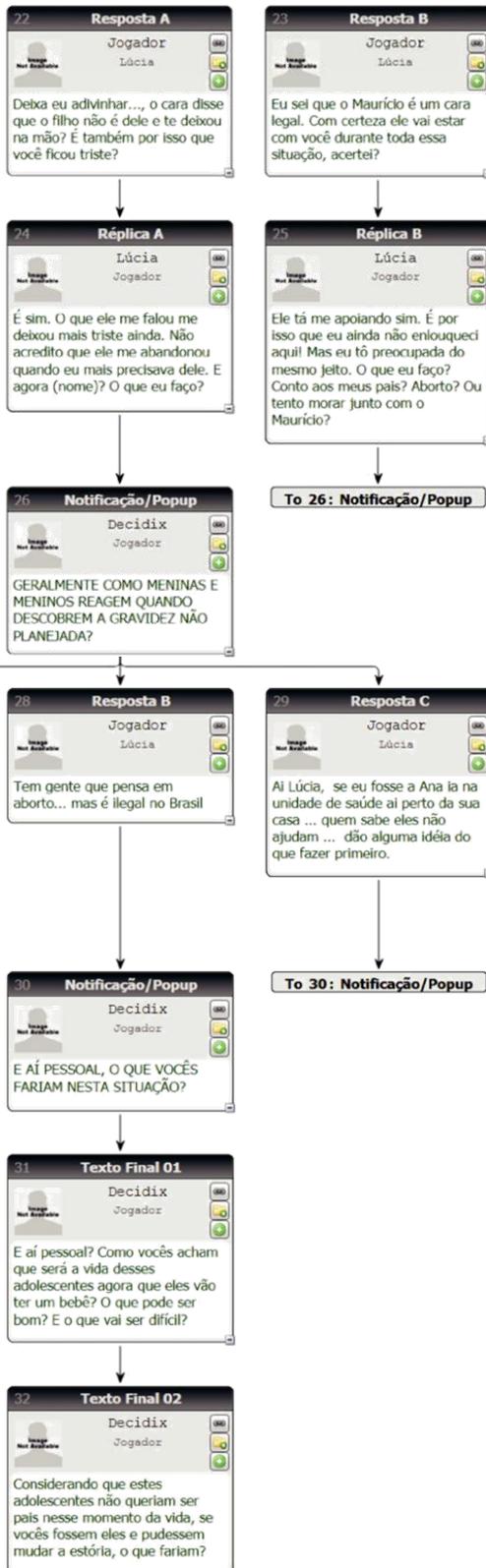
YONEKURA, T.; SOARES, C. B. O jogo educativo como estratégia de sensibilização para coleta de dados com adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 18, n. 5, p.07 telas, set./out. 2010.

ANEXO A

MAPA DO JOGO







ANEXO B

EXEMPLOS DE PROBLEMATIZAÇÕES DURANTE A REALIZAÇÃO DO DECIDIX

Oi Turma A, você tá aí? Sabe a festa que vai rolar na casa do Pedro? Então, o Maurício vai estar lá e eu acho que pode rolar alguma coisa entre a gente. Você sabe como eu tô ansiosa por isso!

A: Eu acho que se você tiver chance você tem que pegar o Maurício sim!

B: Não sei não Lúcia. Acho que você precisa primeiro conversar antes com o Maurício, ver o que ele quer contigo, sabe?



Discussões sobre relações de gênero:

- ✓ E se fosse um menino no lugar de Lúcia?
- ✓ Os meninos também se sentem inseguros para ter a primeira vez?

Não sei não Lúcia. Acho que você precisa primeiro conversar antes com o Maurício, ver o que ele quer contigo, sabe?

(1 SEMANA DEPOIS)

Turma A, consegui! Conversamos muito lá na festa e agora eu e o Maurício estamos namorando! Mas ele tá vindo com um papo pro meu lado de que quer transar comigo como prova de amor. E aí, o que eu faço?

A: Vai Lúcia. Vocês já estão namorando mesmo. Transa com ele!

B: Não sei não Lúcia. Acho que ainda tá cedo demais pra isso. Melhor vocês esperarem mais um pouco.



Discussão sobre relações afetivas sexuais:

- ✓ Qual a "hora certa" para ter a primeira relação sexual? Isso é igual para meninas e meninos?

Turma A, dei uma escapadinha aqui. O Maurício não tá querendo usar camisinha. O que, que eu faço? Me ajuda!!!

Ah, vai nessa!!! Vocês já estão aí mesmo, é melhor aproveitar antes que o momento acabe!



Discussões sobre a responsabilidade de prevenção e fatores que interferem nesta atitude incluindo gênero e os métodos contraceptivos:

- ✓ Quais os motivos para não usar?
- ✓ Qual a importância deles?

Eu não devia ter feito isso Turma A. Sei que na hora, na empolgação, vale tudo, mas agora eu tô muito preocupada aqui. O que o pessoal aqui de casa vai dizer? Ferrou, ferrou, ferrou...

Ai Turma A, me ajuda por favor! Fiz um teste de gravidez. Você não sabe o quanto eu tô preocupada e triste. Fiquei grávida! Minha mãe vai me matar! Antes que você pergunte eu já falei pro Maurício.

A: Deixa eu adivinhar..., o cara disse que o filho não é dele e te deixou na mão? É também por isso que você ficou triste?

B: Eu sei que o Maurício é um cara compreensivo. Com certeza ele vai estar contigo durante toda essa situação, acertei?



Discussão sobre gênero:

- ✓ Geralmente como meninas e meninos reagem quando descobrem a gravidez não planejada?

Deixa eu adivinhar..., o cara disse que o filho não é dele e te deixou na mão? É também por isso que você ficou triste?

É sim. O que ele me falou me deixou mais triste ainda. Não acredito que ele me abandonou quando eu mais precisava dele. E agora Marcela O que eu faço? Conto aos meus pais? Aborto?

A: Lúcia, se eu fosse você, a primeira coisa que eu iria fazer é contar aos meus pais. Por mais que eles fiquem com raiva na hora eles vão se acalmar depois e te ajudar muito mais do que qualquer outra pessoa poderia. Vai por mim, conta pra eles. Tem gente que pensa em aborto... mas é ilegal no Brasil

C: Acho que você deveria dar uma chance ao Maurício. Como ele está entendendo bem a situação e te dando uma força, você pode conversar com ele, e já que vocês se gostam podem tentar criar a criança juntos. Enfim, conversa com ele antes.



Discussão sobre aborto

Discussão sobre rede social de suporte na adolescência:

- ✓ Onde o e a adolescente podem buscar ajuda quando descobrem a gravidez?

Ele tá me apoiando sim. É por isso que eu ainda não enlouqueci aqui! Mas eu tô preocupada do mesmo jeito. O que eu faço?

A: Lúcia, se eu fosse você, a primeira coisa que eu iria fazer é contar aos meus pais. Por mais que eles fiquem com raiva na hora eles vão se acalmar depois e te ajudar muito mais do que qualquer outra pessoa poderia. Vai por mim, conta pra eles. Tem gente que pensa em aborto... mas é ilegal no Brasil

C: Acho que você deveria dar uma chance ao Maurício. Como ele está entendendo bem a situação e te dando uma força, você pode conversar com ele, e já que vocês se gostam podem tentar criar a criança juntos. Enfim, conversa com ele antes.

Reflexão final

- ✓ O que poderia ser mudado nesta estória?

Discussão sobre:

- ✓ Gravidez como uma escolha responsável;
- ✓ Orientação familiar e profissional
- ✓ Métodos contraceptivos;
- ✓ Enfrentamento de situações de opressão nas relações afetivo sexuais;
- ✓ Autonomia e responsabilidade no exercício da sexualidade.

ANEXO C

DICAS DE “SEGURANÇA”

CAMISINHA

USO INCORRETO vs USO CORRETO

<p>❌ 1. ABRIR COM A BOCA</p>			<p>✅ 1. ABRIR USANDO AS MÃOS E COM CUIDADO</p>
<p>❌ 2. FORA DO PRAZO DE VALIDADE</p>			<p>✅ 2. NO PRAZO DE VALIDADE</p>
<p>❌ 3. COLOCAR A CAMISINHA SEM DEIXAR O ESPAÇO NA PONTA PARA O ARMAZENAMENTO DO ESPERMA</p>			<p>✅ 3. COLOCAR A CAMISINHA DEIXANDO ESPAÇO NA PONTA PRA ARMazenAR O ESPERMA</p>
<p>❌ 4. RETIRAR A CAMISINHA COM O PÊNIS FLÁCIDO</p>			<p>✅ 4. RETIRAR A CAMISINHA COM O PÊNIS AINDA ERETO</p>
<p>❌ 5. USAR A MESMA CAMISINHA MAIS DE UMA VEZ</p>			<p>✅ 4. DESCARTAR A CAMISINHA APÓS O USO</p>

ALÉM DISSO É ERRADO

- ❌ USAR MAIS DE UMA CAMISINHA AO MESMO TEMPO 
- ❌ USAR A MASCULINA E FEMININA AO MESMO TEMPO 

LEMBRE-SE

- ✅ USE APENAS LUBRIFICANTES A BASE DE ÁGUA 

ANEXO D

LINKS ÚTEIS

Textos

➔ Guias do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas para adolescentes e jovens participarem da educação entre pares:

- Adolescências, juventude e participação

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2010/45601/adolescencias_final_16_05_2011_pdf_72204.pdf

- Diversidades sexuais

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2010/45601/diversidade_final_16_05_2011_pdf_26534.pdf

- Gêneros

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2010/45601/generos_final_18_04_2011_pdf_14110.pdf

- Prevenção das DST, HIV e Aids

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2010/45601/prevencao_dsts_final_16_05_2011_pdf_19455.pdf

- Sexualidades e saúde reprodutiva

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2010/45601/sexualidade_final_17_05_2011_pdf_28505.pdf

➔ O direito de ser adolescente

http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf

Sites

➔ Vivendo a adolescência

<http://www.adolescencia.org.br/>

➔ Rede Brasileira de Informação e Documentação sobre Infância e Adolescência

<http://rebidia.org.br/>

➔ Rede Feminista de Saúde
<http://redesaude.org.br/comunica/>

➔ Ministério da Saúde
<http://www.aids.gov.br>

➔ UNICEF Brasil
<http://www.unicef.org/brazil/pt/>

Revistas

➔ Adolescência e saúde
<http://www.adolescenciaesaude.com/>

➔ BVS – Adolesc
<http://www.adolesc.br/php/>

REALIZAÇÃO:



NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM VULNERABILIDADE
E SAÚDE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA



APOIO:

